



Shenby (Panther Solidarity Organization e PSL) // Ohio, Estados Unidos “Esta obra, em português e inglês, destaca a cara barbada do educador pernambucano Paulo Freire, junto com sua sabedoria de que não há neutralidade diante da opressão: o professor deve estar do lado dos oprimidos, do lado da libertação. Uma peça espelha a bandeira brasileira, a outra representa o MST.”

Paulo Freire e a nossa Escola: memória e a atualidade do seu pensamento

Coordenação Político Pedagógica, Escola Nacional Paulo Freire¹

Resumo // O presente artigo busca apresentar a experiência político-pedagógica em torno da construção da Escola Nacional Paulo Freire, a partir da apreensão da práxis do educador. O texto destaca da sua biografia e pedagogia as primeiras reflexões que foram sistematizadas como contribuições para a elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola. Num primeiro momento, são destacados os primeiros elementos históricos na vida de Paulo Freire que conformaram a sua decisão por uma educação das classes populares e em favor de sua luta de libertação. A segunda parte do texto desenvolve alguns postulados e categorias fundamentais de sua pedagogia. Segue, a terceira parte, com a repercussão de suas ideias em processos de luta popular no Brasil e no mundo.

Palavras-chave // Paulo Freire; Diálogo; Conscientização.

1 Compõe a Coordenação Político Pedagógica da Escola Nacional Paulo Freire entre o período 2019-2021: David Martins, Ezequiel Zanco Scapini, Flávio José Vivian, Juliane da Costa Furno, Lucas Bezerra, Luiz Bugarelli, Manoela Huck, Thays Santos Carvalho e Vanderlúcia Suplicio.

– Professor, como o senhor quer ser conhecido?

Paulo respondeu rindo, sem titubear:

– Esta é ótima. Esta é ótima. Essa é uma pergunta muito gostosa. Eu até vou aprender a fazer esta pergunta para a outras pessoas. Sabe que eu nunca tinha pensado nisso? Mas agora que você me desafia, talvez a minha resposta seja um pouco humilde. Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida.”

“[...] sempre digo que a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me.”

(Freire. In: Freire; Faundez, 2017 [1985], p.60)

A Escola Nacional Paulo Freire² surge pelo diálogo entre a Ordem dos Dominicanos, o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, a Escola Nacional Florestan Fernandes e o Levante Popular da Juventude. Estas organizações se voltaram para a construção de uma escola nacional de educação popular, com forte protagonismo da juventude, com ênfase no movimento popular urbano, voltado para formação de militantes e para formação técnica e cultural de jovens e da classe trabalhadora.

Parte da busca pela vitalidade da Escola Nacional Paulo Freire corresponde com os diálogos estabelecidos com o Paulo Freire. O educador que já figurava como uma referência para as reflexões sobre o trabalho político de organização popular, ganha centralidade nos estudos sobre a sua vida e teoria da educação. Logo nos primeiros meses, quando ainda não havíamos chegado à definição do seu nome para a Escola, sem sequer ainda cogitá-lo, nos colocávamos em reflexão sobre a importância simbólica que a homenagem representaria. O tal nome, deveria dizer de alguém que fosse portador de três mensagens. A primeira, deveria dizer da sua origem e/ou consciência de classe. A segunda, expressar a importância do estudo e da reflexão teórica. E por fim, apontar a organização coletiva como

2 A Escola Nacional Paulo Freire surge em 2019, na cidade de São Paulo/SP.

saída para a superação da crise brasileira. Foi o nosso reencontro com Paulo Freire, não houve espaço para dúvidas, a certeza do seu nome era unânime e iluminou o debate nas organizações. Sabíamos que o momento histórico nos recolocava a necessidade de revisitarmos a sua memória e pedagogia.

Afinal quem foi Paulo Freire? O que representou a sua vida? O que tem a nos ensinar? Atentos ao que podemos disso aprender, esse texto³, expressa as nossas primeiras lições.

O presente texto não tem a pretensão de constituir uma exposição biográfica da vida de Paulo Freire. Para nós, uma tarefa de grande responsabilidade. Muitos fatos importantes de sua vida, não serão destacados nessa oportunidade. O nosso esforço foi por identificar experiências e reflexões que contribuem, nesse período inaugural, para a construção da Escola Nacional Paulo Freire. Não se encerram aqui os nossos esforços por aprender com a sua vida e teoria.

1. A educação como projeto de vida e o vínculo com o povo brasileiro

Paulo Reglus Neves Freire: recifense, nordestino, brasileiro. Nasce em 1921, às vésperas de uma crise econômica internacional e de profundas transformações na sociedade brasileira – uma sociedade em transição, como afirmaria posteriormente em *Educação como Prática da Liberdade*. Foi alfabetizado aos quatro anos, por seus pais. Filho de trabalhadores, Edeltrudes Neves Freire, a mãe, trabalhadora do lar e Joaquim Temístocles Freire, o pai, militar de baixa patente. A crise de 1929 resvalou sobre a realidade familiar. Enfrentaram extremas dificuldades. O pai, reformado como capitão aos 44 anos, em função de um problema cardiovascular, terá dificuldades de manter os gastos da família. Mudam de Recife para Jaboatão dos Guararapes.

O futuro educador viveu a sua infância e adolescência num país com tensões políticas e sociais cada vez mais latentes. O Brasil parecia ensaiar a sua entrada num novo período histórico. A velha política e suas oligarquias passavam a ser questionadas, discutia-se sobre uma ideia de Brasil. O período da ditadura Vargas

3 Para aqueles e aquelas que desejam conhecer Paulo Freire, indicamos o documentário *Paulo Freire, um homem do mundo*, de Cristiano Burlan, os livros *Paulo Freire: uma história de vida*, de Ana Maria Araújo Freire; e *O Educador: um perfil de Paulo Freire*, de Sérgio Haddad. Por Paulo Freire, três obras carregam uma natureza autobiográfica: *Pedagogia da Esperança*, *Cartas a Cristina* e *A sombra desta mangueira*.

marcou um momento de surto industrializante, de urbanização e da ascensão do movimento operário no país. Ao mesmo tempo, em que lidávamos com o êxodo rural, o abandono político e econômico do nordeste brasileiro, as altas taxas de analfabetismo e a conseqüente exclusão das grandes massas trabalhadoras do processo eleitoral.

Paulo Freire (2018a), ao analisar esse momento histórico, identificava que o país entrava num período de transição, sobre o qual caracterizou em *Educação como prática da Liberdade*:

As mudanças se processam numa mesma unidade de tempo histórico qualitativamente invariável, sem afetá-la profundamente. É que elas se verificam pelo jogo normal de alterações sociais resultantes da própria busca de plenitude que o homem tende a dar aos temas. Quando, porém, estes temas iniciam o seu esvaziamento e começam a perder significação e novos temas emergem, é sinal de que a sociedade começa a passagem para outra época. Nestas fases, repita-se, mais do que nunca, se faz indispensável a integração do homem. Sua capacidade de apreender o mistério das mudanças, sem o que será delas um simples joguete. (p. 64)

O Brasil, passaria de uma sociedade fechada, sobre a qual, declara:

O ponto de partida do nosso trânsito... sociedade fechada... com o centro da decisão de sua economia fora dela... comandada por um mercado externo. Exportadora de matérias-primas. Crescendo para fora. Predatória. Sociedade reflexa na sua economia. Reflexa na sua cultura. Por isso alienada. Objeto e não sujeito de si mesma. Sem povo. Antidualgal, dificultando a mobilidade social vertical ascendente. Sem vida urbana ou com precária vida urbana. Com alarmantes índices de analfabetismo, ainda hoje persistentes. Atrasada. Comandada por uma elite superposta a seu mundo, em vez de com ele integrada. (FREIRE, 2018a: p. 67)

Para uma sociedade aberta, a qual:

As alterações econômicas, mais fortes neste século, e que começaram incipientemente no século passado, com os primeiros surtos de industrialização, foram os principais fatores da rachadura da nossa sociedade... Parecia-nos sermos uma sociedade abrindo-se, com preponderância de abertura nos centros urbanos e de fechamento nos rurais, correndo o risco, pelos possíveis recuos no trânsito, como o atual golpe de Estado, de um retorno catastrófico ao fechamento. (FREIRE, 2018a: p.68)

Estudar, naquele contexto, evidenciava uma das dimensões dos privilégios reservados à elite brasileira. O direito à alfabetização e o acesso à vida escolar era para poucos. O acesso à escolarização para às classes populares se restringia às escolas profissionais, enquanto, para os filhos da pequena burguesia, nasciam as escolas de proposta propedêutica, incumbidas de formarem uma intelectualidade nacional. A preocupação com a superação do analfabetismo viria como uma questão-problema para os Estados-nacionais enfrentarem somente após a Segunda Guerra Mundial, quando também estava em voga o debate sobre as razões do desenvolvimento e as formas de superação do subdesenvolvimento.

Graças ao empenho da sua mãe e irmãos Stela, Armando e Temístocles, Paulo Freire pode seguir seu processo de escolarização. Depois da morte do pai, os seus irmãos mais velhos passaram a trabalhar e manter a casa. Depois de frequentar as escolas de Amália Costa Lima e Eunice Vasconcelos e o Grupo Escolar Matias de Albuquerque, Paulo finalizou a escola primária em Jaboatão com as aulas de Cecília Brandão e Odete Antunes. E quando já não havia mais condições de ali estudar, foi sua mãe, convicta pela continuidade dos estudos do filho, a responsável por viajar diariamente à Recife para buscar nas escolas da capital pernambucana uma bolsa de estudos para o filho. Foi assim que Paulo Freire ingressou no Colégio Oswaldo Cruz.

A sua dedicação aos estudos, principalmente ao estudo da língua portuguesa, além de seu interesse particular, era uma resposta frente às dificuldades enfrentadas por sua família e à um futuro cheio de incertezas. Foi pelo tio Monteiro, jornalista e oposição ao governo Vargas que teria seu primeiro “Curso de Realidade Brasileira”. O gosto pela educação surge desse contexto. Passaria de estudante bolsista a professor no Colégio Oswaldo Cruz, complementando a renda com aulas

particulares de português. E, justamente, por essas aulas que conheceria Elza Maia Costa de Oliveira, normalista de formação, a qual, o buscou para aulas particulares com o objetivo de se preparar para o concurso para a rede estadual de ensino.

No ensino superior, Paulo se formou para o exercício da advocacia. Estudar direito, num período em que o nível médio só tinha o preparatório para as áreas de medicina, direito e engenharia, pareceu o caminho mais coerente para seguir com seus estudos em humanidades. Ler o mundo, ler o seu mundo era a chave necessária para tomar consciência da realidade brasileira. O Brasil do jovem Freire carregava extremas taxas de analfabetismo – 75% da população – e sendo este um fator decisório de exclusão para exercer o direito básico e mínimo da democracia burguesa do voto, enfrentá-la era um ato de extrema subversão à ordem no período.

Paulo Freire, acabaria por não assumir a advocacia na vida, sua carreira foi curta, encerrada quando se vê defrontado com a situação de ter que apresentar à um jovem dentista a ordem judicial pelo pagamento de suas dívidas ou confisco de seus bens, contraídas pela compra dos materiais e equipamentos de seu consultório. A experiência lhe trouxe a certeza de que não queria isso para a sua vida. Ao fim, não conseguiu realizar o confisco dos bens, pois não poderia compactuar com aquela situação de injustiça. Paulo Freire decidirá, ao fim, constituir como projeto de vida, o seu trabalho como educador. Identificamos três fatores que foram fundamentais para que chegasse a esse lugar decisório: a) a memória de sua infância e a realidade social brasileira, reconhecida pela sua própria experiência de vida. b) a sua ainda jovem experiência educativa no Colégio Oswaldo Cruz e c) a relação com Elza, que cumprirá um papel decisório.

Essa decisão pela vida de educador, assumiu contornos em que não couberam qualquer discurso neutralidade. A educação para Paulo Freire sempre foi um ato político e, por isso, estaria diretamente ligada aos interesses de um determinado grupo social, seja para contribuir para a sua libertação ou reforçar os mecanismos de dominação. Esse compromisso político-pedagógico pelos oprimidos é gestado: a) pela sua formação ética cristã-humanista; b) pela sua experiência de trabalho no SESI, na qual, junto com um grupo de assistentes sociais e psicólogas, trabalhou com centenas de famílias trabalhadoras em Recife e, com as quais, conseguiu sistematizar as suas primeiras reflexões pedagógicas, nascendo daí a sua crítica ao assistencialismo. c) pela experiência no Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife e o seu envolvimento nos movimentos de educação popular dos anos 1960, com destaque para a sua experiência no Movimento

de Cultura Popular⁴ (MCP), na qual, teve a oportunidade de desenvolver uma série de trabalhos educativos e aprofundar a sua análise sobre a realidade das famílias moradoras nos mocambos recifenses⁵. Estará colocada aqui a centralidade do desenvolvimento de processos pedagógicos que dialoguem com o contexto social.

A vida como educador, estaria imergida numa eticidade gestada por uma formação cristã humanista. É essa ética cristã que o convoca ao trabalho com o povo brasileiro e ao se defrontar com a sua realidade, terá reforçada em sua consciência a necessidade da transformação social. Aquela sociedade que parecia adentrar numa fase de transição, precisava encontrar no campo educacional também a sua expressão. Verá a partir da experiência prática com os trabalhadores recifenses a necessidade de conjugar a ética cristã com uma teoria social crítica. E afirma, posteriormente, sobre as suas primeiras experiências pedagógicas, em entrevista à TV PUC em 1997:

Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues do Recife, aos córregos do Recife, aos morros do Recife, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com os favelados, eu confesso, sem nenhuma choramingas, eu confesso que fui lá movido por uma certa lealdade ao Cristo de quem eu era, mais ou menos, camarada. Mas o que acontece é que, quando chego lá, a realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação do seu ser como gente, a tendência àquela adaptação (de que a gente falou antes), àquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Eu sempre digo: não foram os camponeses que disseram a mim: “Paulo, tu já leste Marx?” Não, eles não liam nem jornal. Foi a realidade deles que me remeteu a Marx. E eu fui a Marx. E aí é que os jornalistas europeus nos anos setenta não entenderam a minha afirmação. É que quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então, as leituras que

4 Paulo Freire se envolveu em diversas experiências populares no campo da educação, como a Campanha do prefeito de Natal, Djalma Maranhão, “De pé no chão também se aprende a ler”. O Movimento de Cultura Popular (MCP) foi criado em 1960, pelo prefeito de Recife, Miguel Arraes. Para conhecer as experiências indicamos: *De pé no chão também se aprende a ler*, de Moacyr de Góes e *Uma Pedagogia da Revolução*, de João Francisco de Souza.

5 Estudo sistematizado no relatório para o Seminário Regional de Educação de Adultos de Pernambuco, etapa que antecedia ao II Congresso Nacional de Educação de Adultos.

eu fiz de Marx, alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das favelas [...] Eu fiquei com Marx na mundaneidade, à procura de Cristo na transcendentalidade.

Foi assim por toda a sua vida, das Campanhas de Alfabetização no Brasil nos anos 1960, passando pelo trabalho com camponeses no Chile, seu envolvimento com as lutas de libertação nacional em África, até o seu trabalho como secretário de educação na prefeitura de São Paulo no governo de Luiza Erundina em 1989. Por onde passava, sua vontade era estar em contato e em diálogo com o povo. Nasceria uma pedagogia que convocaria homens e mulheres à leitura do mundo, a afirmação da sua existência como seres históricos e ao exercício do poder.

2. A substância perigosa das suas ideias

Muitos de nós podemos ter conhecido Paulo Freire por alguma frase bonita estampada em algum mural de uma escola pública. Alguns até poderiam associar a sua concepção pedagógica a práticas interativas, à alguma experiência formativa mais dinâmica. Afinal, as ideias de Paulo Freire estariam circunscritas apenas a determinado tipo metodológico de ensino-aprendizagem? Quais as dimensões de sua teoria da educação? E não perguntamos isso gratuitamente. A sua história de vida e a reação provocada nas forças conservadoras são capazes de suscitar tais inquietações.

Nos anos 1960, com o golpe militar, Paulo Freire foi perseguido, preso e forçado ao exílio. Segundo Sérgio Haddad (2019), ao tratar da relação do governo ditatorial com o trabalho de Paulo Freire, afirma:

O novo governo aproveitou a ocasião para fazer duras acusações ao trabalho que Paulo e sua equipe vinham desenvolvendo; apontaram o material didático produzido como contrário aos interesses da nação e acusaram seus autores de querer implantar o comunismo no país. (p.14)

E continua:

Na Câmara dos Deputados, políticos conservadores se revezavam na condenação permanente de seus métodos de alfabetização. Em 18 de abril, o deputado Emival Caiado, do partido conservador União Democrática Nacional (UDN), denunciou Mauro Borges, então governador de Goiás e aliado do ex-presidente Jango, de implantar o comunismo no estado: “O método comunizante do sr. Paulo Freire teve entusiástica acolhida do governo goiano. O sr. Mauro Borges deu total e completa cobertura a órgãos estudantis dominados por comunistas”. (p.14)

Vejamos agora as impressões do primeiro general a assumir o controle do Executivo, na ditadura militar, o General Castello Branco, quando ainda o golpe não havia se efetivado e, junto ao presidente João Goulart, esteve em Angicos para a última aula e solenidade de encerramento da Campanha de Alfabetização de Pé no Chão também se Aprende a Ler, ali coordenada por Paulo Freire:

Ao final da solenidade, o general Castello Branco comentou com Calazans Fernandes que o trabalho realizado em Angicos o preocupava, pois serviria “para engordar cascavéis nesses sertões. No jantar oferecido naquela noite de 1963, o general disse a Paulo que já havia sido alertado sobre o seu caráter subversivo – e que agora estava convencido disso por sua defesa de uma “pedagogia sem hierarquia”. (p. 72)

No século XXI as perseguições ao seu nome e legado ganham força novamente no Brasil. Desde 2016 vemos manifestações de setores conservadores no país pedindo o “fora Paulo Freire”, imputando-lhe a responsabilidade pelo “fracasso” da experiência escolar brasileira. Tais acusações tentam menosprezar e demonizar a sua contribuição e importância no campo educacional, em nome de uma “guerra contra o marxismo-cultural”.

As ideias de Paulo Freire sempre foram alvo dos ataques das forças reacionárias brasileiras, entretanto, estas mesmas ideias foram capazes de movimentar homens e mulheres no Brasil e no mundo por uma transformação radical da

realidade dos oprimidos. A força de suas ideias nos interessa, essa que moveu gerações de jovens, alinhando seus projetos de vida à ação político-pedagógica. A pedagogia de Paulo Freire nos convoca à ação, construindo vínculos orgânicos entre o que se pensa, o que se diz e o que se faz.

Tratemos do desenvolvimento de sua concepção pedagógica, caracterizada, sobretudo, pela sua natureza dinâmica e imersa nas experiências dos contextos em que esteve inserido.

As primeiras reflexões sistematizadas de Paulo Freire podem ser encontradas nos relatórios pernambucanos para o II Congresso Nacional de Educação de Adultos e Adolescentes (1958). Posteriormente, ganharam vulto em sua tese de doutoramento, apresentada no concurso para Catedrático Efetivo de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife, intitulada *Educação e Atualidade Brasileira* (1959). O golpe civil-militar de 1964 atualizará as questões apresentadas na tese e três anos depois, serão sistematizadas no livro *Educação como prática da liberdade* (1967), já no exílio. Essa primeira fase de desenvolvimento de sua concepção pedagógica, foi marcada, principalmente, pela influência teórica do humanismo e do nacional-desenvolvimentismo.

A experiência do golpe demonstrava a inviabilidade de uma transição para aquela sociedade aberta, caracterizada pelo educador como uma sociedade em que a elite e o povo estariam integrados. A vivência no Chile, a partir de seu trabalho no Instituto de Desarrollo Agropecuario (INDAP), e, posteriormente, no Instituto de Capacitación y Investigación en Reforma Agraria (ICIRA) permitiram ao educador desenvolver um trabalho de alfabetização e pós-alfabetização com as classes populares chilenas, do campo e da cidade. Neste período aprofundou as suas leituras no campo teórico do marxismo, centrando a discussão do trabalho educativo a partir das classes oprimidas e com objetivo de superação revolucionária da sociedade de classes. Nesse período escreverá a sua principal

obra, *Pedagogia do Oprimido* (1968). Paulo Freire foi um sistematizador incansável, escreverá até o fim da sua vida⁶.

Está no centro da concepção pedagógica de Paulo Freire a dialética entre a teoria e a prática. No campo teórico, o educador buscou estabelecer diálogo com diversos pensadores e pensadoras, de diversas matrizes teóricas. Rigoroso no método de apreensão e intervenção da realidade, buscou desenvolver uma teoria sem dogmatismos. Dentre todos os diálogos teóricos, três matrizes acabaram por assumir posição fundamental na estruturação do seu pensamento: a) a teoria humanista; b) o pensamento social brasileiro, com destaque para as teorias nacionais-desenvolvimentistas; e c) a teoria marxista.

Três princípios nos parecem centrais passariam a ser defendidos e reafirmados ao longo de seus trabalhos⁷. O primeiro princípio afirma a indissociabilidade entre a prática pedagógica e a realidade, ou seja, a pedagogia freiriana não se exerce fora de um contexto e sempre estará mediada com o mundo. O segundo princípio sustenta a natureza dialógica entre ensino-aprendizagem, na qual, educadores/as e educandos/as ou formadores/as e formandos/as são sujeitos ativos do processo cognitivo e a produção do conhecimento é objeto do trabalho coletivo. Relação, na qual, ambos estão em constante processo de aprendizagem.

O diálogo é a substância dinamizadora entre educadores/as e educandos/as, ou seja, não existe processo educativo fora de uma relação dialógica mediatizada

6 Além das obras citadas, podemos listar: *Extensão ou Comunicação* (1969), *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, *Cartas a Guiné-Bissau* (1977), *Educação e mudança* (1979), *A importância do ato de ler em três artigos que se completam* (1981), *A educação na cidade* (1991), *Pedagogia da Esperança* (1992), *Política e educação*, *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993), *À sombra desta mangueira*. A sua última obra, publicada quando vivo, *Pedagogia da Autonomia* (1996), buscou sistematizar os princípios para uma prática educativa progressista. As obras publicadas postumamente, por sua companheira Ana Maria Araújo Freire foram: *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000), *Pedagogia dos sonhos possíveis* (2001), *Pedagogia da tolerância e Pedagogia do compromisso*. Podemos listar também os livros falados ou seus diálogos com outros autores: *Partir da infância: diálogos sobre educação* (2011), *Educar com a mídia*, *Aprendendo com a própria história* (1987), *Dialogando com a própria história*, *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, *Lições de casa: últimos diálogos sobre educação com Sérgio Guimarães*; *Essa escola chamada vida* (1985), com Frei Betto; *Por uma pedagogia da pergunta*, com Antonio Faundez; *Pedagogia: diálogo e conflito* (1986), com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães; *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, com Ira Shor; *Que fazer: teoria e prática em educação popular*, com Adriano Nogueira; *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, com Donald Macedo; *O caminho se faz caminhando*, com Myles Horton; *El grito manso*, com Roberto Iglesias e outros; *Conversação Libertária*, com Edson Passetti; e *Pedagogia da Solidariedade*, com Nita Freire e Walter Ferreira de Oliveira.

7 Tomamos como base as obras do autor: *Pedagogia do Oprimido*, *Extensão ou Comunicação?*, *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* e *Cartas a Guiné-Bissau*.

pelo mundo. Por este princípio, Paulo Freire combate as noções bancárias da educação, pelas quais, se nega o papel ativo dos educandos/ formandos, postos como meros receptáculos do conhecimento. Os fins/ resultados dessas práticas é a dormência, o silenciamento e a domesticação das consciências dos oprimidos. A postura ativa diante do conhecimento é um estímulo ao engajamento das classes populares.

E por fim, o princípio da conscientização para a transformação. O desenvolvimento da luta popular teria, portanto, uma relação direta com o nível geral de tomada de consciência de si e do mundo pelos oprimidos. O processo educativo deve contribuir e estimular o movimento da consciência, objetivando superar os condicionantes de sua forma ingênua para uma consciência crítica. A ação educativa ou como afirmava Paulo Freire, a ação cultural para a liberdade, só tem viabilidade, como instrumento transformador, se estabelece diálogo com a vida social concreta. Em síntese, como anunciou em *Pedagogia do Oprimido*, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (2018b: p.71). Todo ato educativo se constitui como um ato político.

Os seus textos afirmarão, constantemente, para onde deve estar guiada essas práticas educativas, quais são os seus objetivos político-pedagógicos. Objetivos que encontrariam as vias de sua realização no curto, médio e longo prazo. O primeiro deles, o qual poderíamos dizer, ser o ponto de partida do processo educativo é a superação da cultura do silêncio, uma cultura de domesticação das classes populares e naturalização dos antagonismos sociais. Negada a sua palavra, interdito o diálogo, o povo brasileiro leva as marcas da violência de classe, a exclusão social e o alijamento da vida política. A participação, o diálogo e o trabalho coletivo são desdobramentos de uma prática que busca romper o silêncio.

O segundo objetivo é a própria emersão das classes populares, consequência direta desse processo educativo. A sua emersão na compreensão da realidade, em sua intervenção contestadora e criadora na vida política. O ato educativo se afirma, portanto, como um ato histórico. Tal emersão se expressaria na constante e progressiva entrada das classes populares na história.

A teoria pedagógica de Paulo Freire assume uma leitura ontológica do ser social e propõe uma prática que tem como objetivo final a superação de uma sociedade que condicione homens e mulheres e ser menos, para uma forma social que possibilite à ambos ser mais. Esse processo teórico-prático permitirá que essa pedagogia, preocupada com a libertação dos oprimidos, sempre seja atualizada,

numa constante elaboração, partindo sempre dos desafios emancipatórios de cada período histórico. Como afirma no trecho da *Pedagogia do Oprimido*:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (2018b: p.43)

3. Uma pedagogia necessária para toda prática revolucionária

Como já afirmamos, Paulo Freire é um daqueles intelectuais que é impossível desassociar a sua teoria da sua vida. Os seus escritos ganham ainda mais força quando se toma conhecimento pela busca de coerência que guiou a vida do educador. A sua crença no povo e o seu otimismo pedagógico, vinham acompanhados com a necessidade de compreensão dos diversos contextos vivenciados no Brasil e em seu exílio. A pedagogia do oprimido só assumiria pleno sentido na luta pela superação das relações opressoras, ou seja, pelas lutas revolucionárias. O processo de tomada de consciência, a organização e a luta popular carregavam uma natureza profundamente pedagógica. Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire afirma:

É necessário que a liderança revolucionária descubra esta obviedade: que seu convencimento da necessidade de lutar, que constitui uma dimensão indispensável do saber revolucionário, não lhe foi doado por ninguém, se é autêntico. Chegou a este saber, que não é algo parado ou possível de ser transformado em conteúdo a ser depositados nos outros, por um ato total, de reflexão e de ação [...] ao fazermos estas considerações, outra coisa não estamos tentando senão defender o caráter eminentemente pedagógico da revolução. (2018b: p.75)

A defesa do caráter eminentemente pedagógico da revolução é a defesa de uma concepção de prática revolucionária, na qual, a sua tarefa central é a emersão do povo na luta política. Combatia as noções políticas vanguardistas e autoritárias das organizações de esquerda. Para Paulo Freire, a viabilidade revolucionária estaria condicionada à inserção das classes populares na luta política. Como afirma:

Estamos convencidos de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica. Ela é a revolução por isto. (FREIRE, 2018, p.172)

Destacamos alguns momentos na vida de Paulo Freire que expressaram a tentativa, por parte do educador, de ser coerente com essas afirmações, por uma postura ativa de contribuição com a luta popular.

Partimos da sua experiência anterior ao exílio, marcada pelo envolvimento com os movimentos educacionais brasileiro das décadas de 1950-1960. As três principais experiências, a Campanha De pé no Chão também se Aprende a Ler, no Rio Grande do Norte, o Movimento de Cultura Popular, em Pernambuco e a Campanha Nacional de Alfabetização, organizada pelo Ministério da Educação, tinham como foco ampliar a participação crítica no processo eleitoral das classes populares, a partir do processo de alfabetização. Naquele período, somente pessoas alfabetizadas poderiam votar. No meio rural, dominavam as práticas coronelistas, o voto de cabresto, pelo qual, os trabalhadores aprendiam a “ferrar” o seu nome para votar nos candidatos das elites regionais.

A Campanha Nacional de Alfabetização (CNA), abortada pela ditadura militar, desencadearia um amplo processo de alfabetização com 5 milhões de jovens e adultos, constituiria 20 mil círculos de cultura por todo o país, formando mais de 90 mil coordenadores e teria como base de apoio para a sua construção, além dos órgãos institucionais, as entidades estudantis (UBES, UNE e UEEs), as Associações e Sindicatos de Classe e a comunidade escolar. Os possíveis resultados políticos da campanha despertaram o alarme de perigo nas classes dominantes. Segundo Paulo Freire, em entrevista dada a O Pasquim sobre os impactos da CNA:

Foi pouco, mas deu para implantar a coisa em todo o país. O negócio era tão extraordinário que não poderia continuar. Num estado como Pernambuco, que tinha naquela época, um número que pode não ser

exato, de 800 mil eleitores, era possível em um ano passar para 1 milhão e 300 mil. Um estado como Sergipe, que tinha 300 mil eleitores, podia passar em um ano para 800 mil. E assim em todos os estados do Brasil. O que poderia ocorrer é que para a sucessão presidencial poderíamos ter no processo eleitoral, já que a lei não admitia o voto do analfabeto, facilmente 5 ou 6 milhões de novos eleitores. Ora, isso pesava demais na balança do poder. Era um jogo muito arriscado para a classe dominante (PASQUIM, 1978).

O “método comunizante” de Paulo Freire o forçou ao exílio político. Em seus quase dezesseis anos fora do país⁸, manteve uma postura ativa diante do que denominou como um contexto de empréstimo⁹. Aprendeu com Amílcar Cabral a exercer, durante o exílio, a paciência impaciente, buscando compreender e se inserir nas diversas realidades dos países em que viveu e trabalhou.

No Chile, o seu trabalho junto aos departamentos do governo, com trabalhadores rurais e urbanos, permitiu estar em contato com a luta pela reforma agrária no país¹⁰. Já nos Estados Unidos, buscou estar em contato com as organizações populares estadunidenses, experiência que lhe permitiu compreender a dimensão da luta racial e de gênero. Em Genebra, quando se muda para assumir o trabalho

8 Em sua entrevista a O Pasquim, Paulo Freire relata sobre o que representou a sua decisão de sair do Brasil: *Exato. Até veio o golpe. Eu preferi ficar. Eu tive chance de sair, em Brasília mesmo, através de uma embaixada, mas preferi não ir. E não me arrependo, sabe. O que eu coloquei para mim naquela época era o seguinte: uma grande parte da juventude brasileira acreditou nisso e é impossível dissociar essa crença nesse esforço, de mim. Eu estou metido nesse treco, como um testemunho disso. Eu disse, eu não sou mártir, nem quero ser, e farei tudo dentro dos limites da dignidade para não virar mártir, agora o que eu não quero é sair do Brasil antes de testemunhar que fiquei e de assumir essa responsabilidade. E para mim foi ótimo. Talvez se eu tivesse saído do Brasil direto sem a experiência, mínima, que eu tive de cadeia, sem a experiência global que tudo isso implicou, eu talvez tivesse chegado ao exílio sem uma marca necessária para continuar a trabalhar.*

9 Em Pedagogia da Esperança, afirmou: *É muito difícil viver o exílio se não nos esforçamos por assumir criticamente seu espaço-tempo como possibilidade de que dispomos. É esta capacidade crítica de mergulhar na nova cotidianeidade, despreconceitosamente, que leva o exilado ou a exilada a uma compreensão mais histórica de sua própria situação. É por isso que uma coisa é viver a cotidianeidade no contexto de origem, imerso nas tramas habituais de que facilmente podemos emergir para indagar e a outra é viver a cotidianeidade no contexto de empréstimo que exige de nós não só fazermos possível que a ele nos afeiçãoemos, mas também que o tomemos como objeto de nossa reflexão crítica, muito mais do que o fazemos no nosso.*

10 Sobre a relação entre a experiência do educador na luta de reforma agrária no Chile ler: “O lápis é mais pesado que a enxada”: reforma agrária no Chile e pedagogias camponesas para transformação econômica (1955-1973), de Joana Salém Vasconcelos.

de assessor-educacional no Centro Mundial de Igrejas (CMI)¹¹, desenvolverá um trabalho político-pedagógico mais sistemático a partir do Instituto de Ação Cultural¹² (IDAC), criado por ele, Elza Freire, Claudius Seccon, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira. Dentre as experiências¹³ mais ricas que o IDAC desenvolveu, nos chama atenção o trabalho realizado com os países africanos – Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe, contribuindo diretamente para a consolidação das lutas de libertação nacional. Sobre tais experiências, o educador afirma em *A África ensinando a gente*:

[...] eu não tenho dúvida nenhuma de que esses povos estão exatamente no processo de sua libertação... a luta da reconstrução nacional é a continuidade da luta inicial de libertação, em que se inclui o problema da identidade cultural. (2011: 200)

O envolvimento com a luta de libertação na África foi tão profundo que Paulo Freire opta por sair da Universidade de Genebra e negar diversos convites para lecionar em outras universidades europeias e americanas, para se dedicar à formação das equipes de trabalho e a reflexão sobre os problemas estruturais

-
- 11 Paulo Freire permanecerá no Centro Mundial de Igrejas por dez anos e testemunha sobre a sua atuação o teólogo luterano alemão Konrad Raiser: ... ele era comprometido com o ecumenismo e teve uma forte influência no desenvolvimento da teologia da libertação na América Latina e em particular na vida das Comunidades Eclesiais de Base.
 - 12 Sobre a criação do IDAC, afirma Paulo Freire em entrevista para O Pasquim: *O IDAC, Instituto de Ação Cultural, é um grupo de pesquisas que criamos em 1971. Foi o resultado da busca de uma possibilidade de continuar uma reflexão sobre o real e o concreto. Que era inclusive vital. Havia em nós quatro, do grupo inicial, uma quase certeza de que ou encontrávamos o caminho de uma prática no concreto ou feneceíamos em torno de conjecturas e propósitos de conceitos.*
 - 13 Sobre as outras experiências desenvolvidas pelo IDAC podemos destacar o com os trabalhadores italianos, sobre o qual Ana Maria Araújo Freire descreve: *As 150 horas foi um projeto que levou milhares de trabalhadores italianos, que há muitos anos não frequentavam a escola, que tinham tido poucos anos de escolaridade, de volta à "escola" para debaterem, refletirem e pesquisarem "temas da maior importância da sua própria vida e da realidade nacional, tais como a emigração, o fascismo, a fábrica, a saúde, a condição da mulher, a casa, a história do Movimento Operário etc."* (p.195). Também relata a experiência desenvolvida com mulheres trabalhadoras na Suíça: *Outro trabalho importante do IDAC, foi o realizado na Suíça, a partir de 1973, dentro do quadro do movimento feminista, reunindo mulheres das mais diversas origens e crenças, "curiosas e descontentes". O ponto de convergência entre estas cerca de 500 mulheres, segundo Rosiska Darcy de Oliveira, era "um sentimento vago, difuso, de mal-estar". O IDAC elaborou para este trabalho de conscientização da mulher dentro da sociedade um texto, "Feminizar o mundo" e uma película, filmado pelas próprias mulheres do grupo, a partir dos "temas geradores" levantados, retratando a vida das mulheres no conjunto residencial, "seu marasmo mas também seus conflitos surdos".* (p.195)

desses países. Os trabalhos se desenvolveram em duas frentes principais, a de alfabetização e pós-alfabetização. Em *A África ensinando a gente* relata:

[...] deixei a Universidade de Genebra, por causa da África. Por causa da África eu rejeitei até hoje uma série de convites que recebi, e que continuo recebendo, de universidades não europeias – europeias, umas duas somente – mas norte-americanas e canadenses, para ficar lá com eles, em paz. Eu prefiro ficar na minha luta pela África (2011: p.60).

Este encontro entre a concepção pedagógica de Paulo Freire e processos revolucionários não se limitaram ao continente africano. Identificamos a sua influência nas revoluções latino-americanas de El Salvador, da Nicarágua e, mais tardiamente, em Cuba. Paulo Freire quando escreve ao Comandante Carlos Nuñez, presidente do Conselho de Estado da Nicarágua e presidente do Comitê Coordenador das Festividades de 19 de julho, respondendo ao convite lhe endereçado, para participar das festividades, denomina a Revolução Popular Sandinista como a Revolução Menina, em suas palavras o seria *“pela alegria de viver que ela provoca e pela inquietação curiosa que ela gera e estimula no Povo nicaraguense”* (NITA, 2017). Pela revolução cubana sempre nutriram, Paulo e Elza, uma grande admiração. Muitos dos discursos de Fidel Castro e Ernesto Che Guevara serão objeto de sua reflexão política e comporão as suas obras. A concepção pedagógica de Paulo Freire encontra lugar nas campanhas nacionais de alfabetização realizadas nesses países, casada ao trabalho político das organizações revolucionárias com as massas populares.

Destacamos, dentre as experiências latino-americanas, a ocorrida na Nicarágua pela Campanha Nacional de Alfabetização¹⁴, por ser, para nós, uma revolução que inspira as nossas preocupações na construção da nossa prática política no trabalho popular, em especial com a juventude. A chamada segunda revolução nicaraguense, que tinha como objetivo superar as altas taxas de analfabetismo no país, em torno de 50,2% no período, contou com um Exército Popular de Alfabetização, no qual, se reuniram mais de 200 mil voluntários, alcançando, aproximadamente, um milhão de pessoas. Todas estas experiências revolucionárias no sul global nos demonstram que os rumos do processo revolucionário, a

14 Para aprofundamento sobre a campanha de alfabetização na Nicarágua, e também lhes ensinam a ler... *A Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua*, de Nilton Santos.

consolidação de uma sociedade em transição para o socialismo, implicava a superação das marcas do colonialismo e da sociedade burguesa que se funda através desta.

Em seu retorno definitivo para o Brasil, num período ainda de reabertura democrática, em 1980, abrir-se-ia uma nova fase em sua trajetória como educador. Além da vinculação de trabalho com a PUC e Unicamp, Paulo Freire viverá em 1989 uma importante experiência no campo institucional, quando é convidado para assumir a Secretaria de Educação no governo de Luiza Erundina, outra nordestina, paraibana, que ganhava as eleições municipais pelo Partido dos Trabalhadores. Sob o comando da secretaria desenvolverá um trabalho de reestruturação das escolas municipais, constituindo um programa de formação permanente para os professores/as, enfrentando as debilidades estruturais dos espaços escolares e ampliando as discussões com a comunidade escolar sobre o trabalho educativo. Inaugurou 31 escolas ao longo do período da sua gestão e constituiu um trabalho pedagógico coletivo com a equipe da secretaria e com uma estrutura que estimulava a participação da sociedade nos rumos do trabalho da secretaria, a partir do tripé: os Conselhos de Escolas; os Grêmios Estudantis; e os Conselhos de representantes dos Conselhos de Escolas (CRECES).

Realizará em sua gestão o I Congresso de Alfabetizandos, reunidos no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) e do Programa de Educação de Adultos da Diretoria de Orientação Técnica (EDA-DOT), um esforço político que reuniu diversas organizações populares, corresponsáveis pelo desenvolvimento do trabalho educacional na capital paulista.

Os últimos momentos de sua vida, representaram a sua inabalável fé na capacidade de homens e mulheres transformar o mundo. Num período marcado pela ascensão da consciência neoliberal e o declínio das experiências socialistas no leste europeu. Em sua última entrevista para a Tv PUC em 17 de abril de 1997, logo no início declara:

Eu estou absolutamente feliz, por estar vivo ainda. E ter acompanhado essa marcha, que como outras marchas históricas, revelam o ímpeto da vontade amorosa de mudar o mundo, essa marcha dos chamados sem-terra. Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio em seu tempo histórico de marchas. Marcha dos que não tem escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam à uma obediência servil, marcha dos que se rebelam,

marchas dos que querem ser e estão proibidos de ser. Eu acho que, afinal de contas, as marchas são andarilhagens históricas pelo mundo. E os sem-terra constituem para mim, hoje, uma das expressões mais fortes da vida política e da vida cívica desse país [...] os sem-terra marcham contra uma vontade reacionária histórica implantada nesse país. O meu desejo, o meu sonho é que outras marchas se instalem nesse país.

Essa marcha, iniciada em fevereiro de 1997, nascia em resposta ao Massacre de Eldorado dos Carajás, com cerca de 1300 sem-terra, distribuídos em três colunas que marcharam 1000 km, aproximadamente, cada uma, até Brasília. A marcha tinha como objetivo chegar na capital no dia 17 de abril, mesma data da tal entrevista. Uma marcha por Emprego, Justiça e Reforma Agrária. Uma marcha que retomará a discussão sobre a urgência de um projeto popular para o Brasil.

O seu falecimento em 02 de maio do mesmo ano, deixou para nós o legado de uma vida marcada pelo profundo sentido do diálogo e da utopia. Não seriam capazes, nem o fim das experiências soviéticas e nem a hegemonia neoliberal, de liquidar a vontade política, ética e estética do educador pela transformação radical da nossa sociedade.

Paulo Freire e a nossa Escola

Voltamos ao ponto inicial desta conversa e buscamos refletir sobre as possibilidades de diálogo entre Paulo Freire e a Escola Nacional Paulo Freire. A reflexão de Ana Maria Araújo Freire (2017) parece apontar uma direção:

Ler o mundo nos espaços/ tempos de cada um dentro de nós, de cada um de nós em relação com as nossas sociedades, como Paulo nos ensinou, continuará a ser a tarefa dos que querem construir um mundo mais justo, mais bonito e verdadeiramente democrático, seu sonho maior. Esta utopia não foi encerrada com sua morte, enfatizo, devemos ter isso bem claro. Os eventos, as instituições, sua obra, muitas pessoas que nos dias de hoje o recriam e que se espalham cada dia mais pelo planeta Terra, podem levar seus sonhos utópico a rincões distantes, a gentes diferentes. Conhecê-lo melhor é fundamental para reinventá-lo, como ele tanto desejava porque sempre teve a preocupação de não ter

seguidores ou discípulos, mas recriadores, sujeitos curiosos que possam dizer coisas sobre as coisas que ele disse e fazer coisas sobre as coisas que ele fez, renovando-o, atualizando-o, reinventando-o histórica, política e epistemologicamente, com seriedade ética. Sobretudo com seriedade ética, o perpetuar. (2017: p.37)

A Escola Nacional Paulo Freire nasceu num momento histórico de crise econômica internacional prolongada e profunda, agravada pela crise sanitária da pandemia do coronavírus. No Brasil, presenciamos o avanço do conservadorismo com a eleição de Jair Bolsonaro, um governo que tem em sua agenda política um realinhamento com os interesses dos Estados Unidos e no campo econômico, a retomada do neoliberalismo. Desde 2016 o país tem sofrido uma série de desmontes das conquistas sociais, frutos das lutas estudantis, sindicais e populares do século XX e início do XXI. Para a juventude, o seu horizonte de expectativa parece se restringir, cada vez mais, ao imediato da sobrevivência.

Na pesquisa *Juventude e a pandemia do coronavírus*, realizada pela Unesco (2020) com mais de 30 mil jovens no país, 5 a cada 10 jovens tiveram a sua renda familiar afetada na pandemia. As margens do desemprego tendem ao crescimento, a pesquisa mostra que do total, 50% estavam trabalhando antes da pandemia e, desses, 27% pararam de trabalhar no período. No campo da saúde, o cenário é de adoecimento mental, cerca de 60% dos jovens têm sofrido de ansiedade. E na educação, aproximadamente 30% dos jovens já pensaram ou pensam em não retornar para o ambiente escolar após a pandemia. Entretanto, quase 90% desses jovens, acreditam que as relações humanas e a solidariedade serão mais valorizadas após a pandemia.

Com um futuro aparentemente interdito, o tempo pede coragem, amor e imersão na vida do povo brasileiro. Só disso emergirá um novo projeto de Brasil, para o qual, a Escola Nacional Paulo Freire se coloca como instrumento para formar novos homens e mulheres, radicais em sua ação. A radicalidade necessária para transformar o Brasil, como nos ensina Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*:

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical quanto mais se inscreve nesta realidade para,

conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. (2018b: p.37).



Referências bibliográficas

FREIRE, Ana Maria A. **Paulo Freire: uma história de vida**. 2ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 44ª edição, 2018a.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 23ª edição, 2016.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 65ª edição, 2018b.

FREIRE, P & GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente: Angola Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. São Paulo; Paz e Terra, 2ª edição, 2011.

HADDAD, S. **O Educador: um perfil de Paulo Freire**. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2019.

PASQUIM. **Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda**. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/1350/FPF_OPF_07_023.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acessado em 15 de julho de 2020.

TVPUC, **Paulo Freire: in memoriam**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ny20UdRJpoM&t=763s>. Acessado em 19 de julho de 2020.

UNESCO. **Juventude e a pandemia do coronavírus**. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acessado em 23 de julho de 2020.